

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	17.º Anno — XVII Volume — N.º 543	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	4 entrega		
Portugal (franco de porte, m. torte)	3800	1600	600	120	21 DE JANEIRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4600	2000	800	120		
Extrang. (união geral dos correios)	5600	2600	1000	120		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Temos hoje que registar aqui uma cerimonia muito tocante na sua singela simplicidade, muito justa na sua alta significação, que na sexta feira, doze do corrente, se realison no cemiterio Oriental: — a da trasladação dos restos mortaes de Julio Cesar Machado e de seu filho, para o jazigo-monumental, que ali se erigiu, por subscrição aberta entre os admiradores e os amigos do grande e querido escriptor.

Fazia precisamente n'esse dia quatro annos, que se dera a terrivel e inesperada tragedia da morte de Julio Cesar Machado, que encheu d'assombro, de surpresa e de dôr, Lisboa inteira.

Semanas antes, o filho unico do illustre escriptor, essa creança que foi «o seu Deus e o seu querido tyranno», como eloquentemente disse no cemiterio Pinheiro Chagas, suicidára se com um tiro de revolver.

Essa noticia causára profunda consternação em toda a gente, que conhecia o suicida, uma creança imberbe ainda, que apenas entrava na vida, cercado pelos carinhos amantissimos de seus amantissimos paes, por toda a gente que conhecia Julio Cesar Machado, que era um dos escriptores mais conhecidos, mais illustres e mais queridos de Portugal.

Passam-se dias, e esse drama pungente teve a sua repercusão terrivel, o seu epilogo tragico: o suicidio de Julio Machado, suicidio realisado em condições singularmente estranhas e mysteriosas, que consternaram profundamente a cidade.

E foi n'um periodo dolorosissimo para a patria, n'uma epoca tristemente assignalada na nossa historia contemporanea, e que nunca deverá apagar se do espirito dos portuguezes, que se deu essa terrivel tragedia intima, que a estima profunda e a consideração enorme de que gosava o seu desgraçado protagonista, transformaram immediatamente

n'uma grande dôr publica, profundamente sentidissima.

Na vespera, no dia 11 de janeiro, o governo portuguez recebeu o ultimatum do marquez de Salisbury.

No dia 12 de manhã, a noticia da affronta feita a Portugal era ainda pouco conhecida fóra dos circulos politicos, o povo era ainda completamente alheio a ella, e completamente alheia a ella, tambem, a pessoa que escreve estas linhas, toda immersa na dôr profunda — que ainda hoje a punge, ao cabo de quatro annos, como se fosse no mesmo dia — na dôr enorme da perda d'um amigo querido, d'um companheiro leal, d'um mestre illustre — a morte de Francisco Palha.

Na madrugada do dia 11, o grande escriptor exhalára o ultimo suspiro, e no dia 12, estranhos

a politica, estranhos a tudo que não fosse o sentimento dilacerante da saudade, que sobre nós pesava, fomos ao cemiterio dos Prazeres acompanhar á sua derradeira morada o cadaver do glorioso poeta e do amigo estremecido.

Horas depois de voltar do cemiterio, chegavamos a casa os jornaes da tarde, e fomos de repente arrancados á nossa grande dôr pela noticia estranha do tragico suicidio de Julio Cesar Machado, da medonha catastrophe da travessa do Moreira.

Ficámos como que assombrados e corremos a procurar mais informações, mais pormenores d'aquella inacreditavel desgraça.

Dirigimo nos ao theatro de S. Carlos, onde tinhamos a certeza de encontrar quem nos informasse, mas no theatro de S. Carlos não se fallava

no suicidio de Julio Cesar Machado, havia uma noticia mais recente e sensacional a dominar o espirito do publico: a noticia dos tumultos populares contra a Inglaterra, e poucos momentos depois de nós entrarmos na platéa de S. Carlos, en rava na sala uma grande onda de manifestantes, obrigando a interromper o espectáculo, dando vivas á Patria.

E durante muitas semanas, muitos mezes, a questão ingleza occupou todos os espiritos, dominou todas as preocupações, e essa grande convulsão nacional fez esquecer todos os outros acontecimentos, e desviou para outro lado a attenção do paiz.

E foi por isso que a morte de Julio Cesar Machado não foi tão fallada, não imperou tão fortemente na opinião publica, como teria acontecido se não coincidissem com o apparecimento da questão ingleza.

Os amigos intimos de Julio Cesar Machado, os admiradores mais devotados do illustre escriptor, que os tinha e muitos, da sua bella alma, do seu grande character e do seu brilhante talento, não se esqueceram, porém, do amigo querido e morto, e, reunindo se na redacção do *Correio da Manhã*, organisaram uma commissão para angariar donativos para se levantar um jazigo no alto de S. João a Julio Cesar Machado.

Essa commissão, que logo depois se completou com toda a redacção do *Correio da Ma-*



LUIZ EUGENIO LEITÃO

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)



mais se recommendavam pela sua illustração e pelo seu prestimo, lembraram-se como era natural, do nome do sr. Luiz Eugenio Leitão.

Essa vereação teve uma existencia ephemera. Havia muito a esperar dos talentos e do civismo dos seus membros, mas a politica determinou a sua dissolução e elles nada mais fizeram do que revelar os seus nobres intuitos de serem uteis ao municipio.

Comtudo ainda com relação á sua rapida passagem pela municipalidade de Lisboa, ha um facto que muito honra o caracter do actual presidente da Associação Commercial de Lisboa e que é de justiça registrar.

Referimo nos ás instancias que se lhe fizeram para que o seu nome entrasse na lista de uma commissão executiva nomeada pelo governo e a recusa formal e persistente com que s. ex.<sup>a</sup> respondeu a tão repetidas sollicitações, que aliás importavam o reconhecimento dos seus altos meritos e do benevolente acolhimento, que o governo contava que havia de ter uma tão feliz escolha.

Mas para os homens de bem a lealdade a tudo prevalece e o sr. Luiz Eugenio Leitão, signatario de um protesto contra o acto da dissolução da camara a que pertencera, entendeu que essa circumstancia o impedia de aceitar um logar n'aquella commissão sem quebrar os laços de uma solidariedade com que elle se honrava e sem trahir os seus collegas sacrificados aos caprichos do governo.

Esse honroso facto, sem que causasse surpresa, porque diferente procedimento não era de esperar de quem possui os mais honrados sentimentos, fez comtudo augmentar as sympathias e os respeitoes publicos por tão distincto cavalheiro.

Mas se á sua competencia para os assumptos que se prendiam com os mais altos interesses da industria cada vez se punha mais á prova, juntando-se a sua activa collaboração nos trabalhos da Associação Commercial, como dos mais constantes e mais activos membros da sua direcção, vagando a presidencia, o seu nome, como que foi aclamado por todo o corpo de commercio de Lisboa, para a preencher.

Tão prompta e espontanea fôra, porem, a indicação, como difficil e forçada foi a annuencia. A modestia vinha mais uma vez insurgir se contra o egoismo geral, mas teve de ceder ás imposições da amizade e á consciencia do dever.

Elevado á presidencia da primeira associação commercial do paiz, o sr. Luiz Eugenio Leitão tinha seguido passo a passo, como guiado pelos conselhos e pelos exemplos do seu carinhoso pae, o caminho que este fizera, sentando-se na mesma cadeira, que elle como vice presidente da referida associação tambem occupara; tornando se ainda mais grato ao seu coração de filho modelo essa coincidência, quando como seu pae, só cedendo a instancias reiteradas e nunca por allicitações directas, ou indirectas instigações se elevou tão alto.

E' de hontem, é de hoje, o que se passou e o que se está passando entre a Associação Commercial de Lisboa e o governo, e não ha, n'este momento, ninguém no paiz inteiro, que ignore o papel importante que tem desempenhado o sr. Luiz Eugenio Leitão em defeza da honrada classe, que a associação, a que preside, representa.

Não se pôde ser nem mais firme, nem mais energico, nem mais independente, nem mais leal do que elle, e igualmente nenhum outro seria ao mesmo tempo nem mais severo, nem mais prudente, nem mais tolerante, nem mais patriota.

Entrando a Associação Commercial de Lisboa em luta aberta com o governo, a proposito da lei da contribuição industrial que o parlamento approvára sem maior reflexão, como o obrigava o seu logar de presidente, coube-lhe dirigir o movimento de reacção a essa medida e fazer frente ás imposições do poder central.

Era melindrosa a situação; cheia de responsabilidades o encargo.

Batendo-se a Associação em um campo onde era facil tropeçar nos barrancos da politica, o que lhe tiraria a força que lhe vinha da sua absoluta isenção partidaria, era preciso proceder com a maxima cautella, sem precipitações, mas tambem sem pusilanidades.

A exaltação dos animos, reflexo da justiça da causa por que pugnava o commercio, os protestos constantes e sempre vehementes, que iam ecoar nas salas das sessões da Associação, a expectativa da classe commercial de todo o paiz e todas as suas esperanças na mesma Associação, de um lado, e do outro, as subtilidades, os adiantamentos, a má vontade, os sophismas, os subterfugios do governo collocavam o sr. Luiz Eugenio Leitão em uma situação difficilissima e apurada, da qual só podia sahir triumphante pela auctoridade do seu nome, pelo seu passado honroso, pela

integridade e escrupulo com que sempre procedera em todos os actos da sua vida, pela lealdade de que ninguém podia duvidar e pela confiança inteira e completa de todo o commercio portuguez no seu caracter, na sua intelligencia e no seu civismo.

E assim foi, com effeito. Esse commercio deixou-se guiar pelo illustre presidente da Associação Commercial de Lisboa, seguiu-o resolutamente e d'ahi esse imponente Congresso, que definiu a posição de todas as associações commerciaes e industriaes do paiz perante o governo, na questão da contribuição industrial.

O modo por que foi presidido esse Congresso, a ordem que reinou em todas as suas sessões, as sensatas resoluções tomadas, o alcance de uma tal reunião, tudo isto que tanto honra as respeitaveis classes alli representadas, faz tambem o maior elogio da elevada capacidade, da cordura, da prudencia, do bom senso, do espirito de justiça e do animo frio e reflectido do sr. Luiz Eugenio Leitão.

Não sabemos o que resultará d'esse Congresso e dos esforços devotados da Associação Commercial de Lisboa, seguida de todas as demais associações commerciaes e industriaes, mas se a intransigencia do governo produzir qualquer abalo, alguma convulsão, demonstrações ruidosas que ponham em perigo a paz publica, a Historia registrará, que para evitar tão grandes males é que aquella associação tomou a nobre e energica attitude que ninguém de boa fé ainda ousou condemnar, e que todos os homens independentes calorosamente applaudem.

E n'essa pagina da Historia, o nome de Luiz Eugenio Leitão terá um logar de honra, como o de um bom cidadão e de um leal patriota. Poucos terão alcançado com tanta sinceridade, com tanto desprendimento e com tanto desassombro, distincção tão subida e tão merecido galardão.

## ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES

(Continuado do n.º 512)

Em 24 de outubro do mesmo anno, o tenente Fontes esquecendo o silencio com que era recebido, requereu a construcção no arsenal da marinha de um pequeno modelo da sua estação para com elle demonstrar praticamente que o seu projecto era exequivel.

Este requerimento já o demos no OCCIDENTE n.º 536.

Em 19 de agosto de 1893 o tenente Fontes apresentou o seguinte requerimento, no qual participava estar terminada a construcção do modelo e pedia que lhe fossem auctorizadas algumas despesas que tinha feito sem auctorisação:

Illustrissimo Excellentissimo Senhor Presidente do Conselho do Almirantado — João Augusto de Fontes Pereira de Mello primeiro tenente da armada secretario e ajudante d'ordens de Sua Excellencia o Inspector do Arsenal da Marinha, attendendo ás circumstancias extraordinarias que de ha muito se tem dado na construcção do barco submarino de seu projecto, entendo que é dever seu desviar d'esse veneravel conselho responsabilidades que lhe não pertencem, vem mui respeitoavelmente expôr a Vossa Excellencia os seguintes factos:

Pela nota numero seiscentos e trinta e seis (636) de tres de novembro de mil oitocentos noventa e dois d'esse illustre conselho em vista d'uma requisição de compra de material para a construcção do modelo do referido barco, cuja importancia excedia as verbas já auctorizadas, foi-lhe ordenado que informasse se considerava aquella a ultima despesa a fazer com a conclusão do barco e designasse qual o orçamento definitivo, porquanto se não podia auctorisar uma despesa cujo alcance final se não soubesse de antemão. Esta ordem teve cumprimento cabal da parte do requerente, o qual informou que com o material pedido n'aquella requisição ficava existindo todo o material preciso para o acabamento da referida construcção; e por isso dadas as referencias da nota do material, ficava fechado o orçamento com aquella verba.

Mais tarde, na sequência dos trabalhos o requerente viu-se na imperiosa necessidade de fazer successivas despesas motivadas por graves e imprevistas difficuldades de construcção, e por varias alterações emapparelhos essenciaes oconselhados por experiencia que pessoalmente fez. Mas em vista dos termos da nota numero seiscentos e trinta e seis e dos seus receios de que a obra não fosse a termo o requerente temendo que um novo pedido n'estas condições parecesse um pretexto para suspender a construcção, ou para provocar

ordem para que ella terminasse, entendeu que era do seu dever chamar a si todas essas despesas, pagando-as por sua conta e risco, despesas que attingiam a somma de trezentos e oitenta mil seis (Réis 380.000).

Certo é que estas despesas foram occasionadas principalmente pela mão d'obra a que aliás se não referira a nota numero seiscentos e trinta e seis, mas não é menos certo que o requerente nunca hesitou em concorrer por todas as formas possiveis para a construcção do seu barco. E alem d'isto, nunca fez nem faria a profunda injustiça de imaginar que Vossa Excellencia permitiria que lhe tirassem o serviço ou o direito de mandar custear o acabamento d'esta obra, que foi aliás destinada e offerecida á patria commum, para cuja defeza foi concebida.

Hoje que o modelo está concluido e que portanto desappareceram os seus receios (tanto mais que o barco já foi lançado a agua) estando assentes e experimentados os seus orgãos principaes, hoje que liquidadas as despesas se pode afirmar que nenhuma outra haverá a fazer, a não ser a das experiencias, o requerente vem pedir a Vossa Excellencia que, pelas razões apresentadas, tenha por conveniente e justo auctorisar a despesa, feita que será devidamente documentada, ordenando um supplemento d'aquelle valor ás verbas já auctorizadas, pelo que

Pede a Vossa Excellencia  
lhe defira como requer  
Lisboa 19 de Agosto de 1893.

(a) João Augusto de Fontes Pereira de Mello,  
1.º tenente

Em 21 de setembro do mesmo anno, depois de ter feito varias experiencias preparatorias sempre com excellentes successos, o tenente Fontes participava officialmente achar se o modelo da sua estação prompto para as experiencias a que se referiu o seu requerimento de 24 de outubro de 1891.

Em 18 e 31 de outubro de 1893 fizeram se as experiencias officiaes, ás quaes já o OCCIDENTE se referiu no n.º 536.

Em 8 de novembro do mesmo anno a commissão official entregou o seu novo relatório.

Em 18 de novembro foi entregue ao tenente Fontes uma copia deste documento que é como segue:

### 2.º Relatório da commissão:

A commissão nomeada em portaria de 10 de dezembro de 1890, para apreciar e emittir parecer sobre um projecto de estação submarina torpedeira, elaborado pelo primeiro tenente da armada João Augusto de Fontes Pereira de Mello, e convocada por ordem do Conselho do Almirantado, de 27 de setembro ultimo, para proceder ás experiencias que julgasse convenientes, com o modelo construido e apresentado pelo sobredito official, para emittir parecer sobre a utilidade do referido submarino como machina de guerra, vem desempenhar-se d'esta missão relatando os trabalhos que executou para dar cumprimento a esta ordem.

Resolveu em primeiro logar a commissão, como questão previa, que podendo haver perigo para o auctor do medelo em fazer experiencias em aguas profundas, onduladas ou de forte corrente, a prudencia aconselhava a não as indicar, limitando-se a assistir áquellas que o auctor julgasse praticaveis sem risco, e portanto tratou esta commissão de ouvir as suas declarações, relativamente aos fins a que destinava o seu modelo e ás experiencias que podia executar, para demonstrar que elle satisfazia a esses fins.

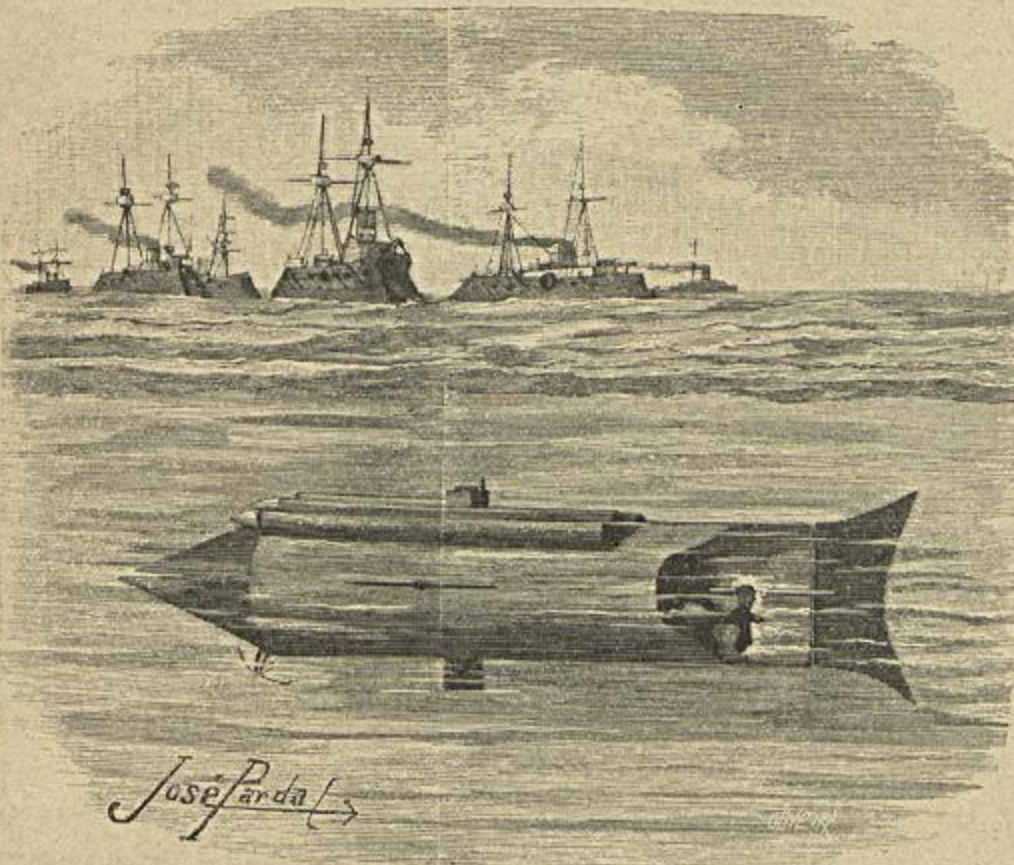
Pelo auctor do medelo foi dito perante a commissão, que a estação submarina que projectára destinava-se a um fim, e que o modelo construido a outro, o qual era unicamente demonstrar a estabilidade e razão do seu systema de submarino; que n'este sentido havia requerido ao governo auctorisação para o fabrico do referido modelo; e que n'estes termos tinha sido o despacho dado ao seu requerimento.

Quanto ás experiencias que pôde realizar com o seu modelo, resumem se ellas a fazer immergir e emergir a estação submarina horizontalmente ou inclinada, mostrando sempre estabilidade de equilibrio na posição em que manobrar; carregando mesmo as extremidades ou os lados com pesos dentro de certos limites e matendo se ainda o equilibrio; isto em aguas tranquillas ou de corrente fraca, porque em aguas correntes ou agitadas para as experiencias de pôpa á prôa, o barco sómente mantem o equilibrio quando a compenente vertical do esforço da amarra não ascenda 120 kilogrammas aproximadamente.



REAL. THEATRO DE S. CARLOS — HAMLET — Vid. *Chronica Occident.*

## ESTAÇÃO SUBMARINA FONTES



PROJECTO PRIMITIVO

(Desenho do sr. José Parda)

Declarou também que depois da estação submergida e convenientemente tareada as manobras de escursão, inclinação ou subida, não eram feitas por meio de alteração de lastro no interior do barco, e que de dentro d'este não havia maneira de manobrar com as amarras.

Relativamente ao systema de visão, disse o auctor que o seu apparatus de visão não era completo, podia ser considerado apenas como rudimentar e até imperfeito, não podendo fazer com elle experiencias completas, mas em todo o caso considerava-o realisado em harmonia com a sua proposta.

A commissão em vista do exposto pelo auctor do modelo e se attendesse somente ao sentido restricto da ordem da convocação, podia não ter proseguido nos seus trabalhos, porquanto o modelo não se presta a fazer as experiencias que a habilitem a emitir parecer sobre a utilidade do submarino como machina de guerra; mas desejando informar devidamente o Conselho do Almirantado resolveu assistir ás experiencias indicadas pela tenente Fontes.

As primeiras experiencias a que a commissão assistiu realisaram-se por fóra das portas do dique do Arsenal da Marinha, e entre as cortinas exteriores do mesmo dique, em aguas tranquillas e de deminuta profundidade, visando unicamente ás provas de estabilidade e imersão.

A commissão viu por tres vezes mergulhar o modelo e outras tantas vezes subir á superficie, inclinando a uma e outra extremidade, conservando sempre estabilidade de equilibrio e mantendo a mesmo depois de retirar um pezo de 60 kilogrammas que estava sobre a prôa, isto em aguas tranquillas e estando o interior do barco em communicação com a atmosphaera.

As seguintes experiencias feitas a uns trinta e tantos metros de distancia da margem oeste do Arsenal da Marinha e em 4,5 de profundidade, em sitio de deminuta corrente marítima, destinavam-se ás provas de visão, as quaes se realisaram completamente nas circumstancias indicadas pelo auctor, convindo notar que ainda que o apparatus de visão fosse perfeito não seria possível julgar da sua efficacia unicamente pelas experiencias que o inventor pôde fazer com este modelo.

Em conclusão, em vista das declarações do auctor, e das experiencias realisadas, tem esta com-

missão a formular o parecer de que não pôde julgar da utilidade da estação submarina definitiva como uma machina de guerra, visto que o mode-

lo não foi construido para aquelle fim, como declara o proprio auctor e a commissão verificou; e também não pôde emitir opinião completa sobre a estabilidade do systema em geral, porque para a fundamentar eram necessarias outras experiencias em aguas correntes ou agitadas, ás quaes o inventor declara que o modelo não se presta por não ter as dimensões da estação por elle projectada.

Em quanto ás considerações technicas que poderiam ligar-se a estas experiencias a commissão reporta-se ao relatório que já apresentou sobre o projecto primitivo em 27 de janeiro de 1891.

Pelas actas das sessões d'esta commissão e pela descripção das experiencias a que assistiu, se veem os fundamentos d'este parecer.

Sala das sessões, 8 de novembro de 1893.

Manuel Maria Dias Nunes de Carvalho, capitão de mar e guerra, presidente.

José Maria Teixeira Guimarães, capitão de fragata.

João Maria Galhardo, lente da Escola Naval.

Ernesto Carlos Rosa, lente da Escola Naval.

Antonio Arthur Baldaque da Silva, capitão-tenente, engenheiro hydrographo.

Este relatório é concebido em termos taes, e por tal forma n'elle se confundem e trocam as palavras *estação* e *modelo* que dispensa qualquer comentario.

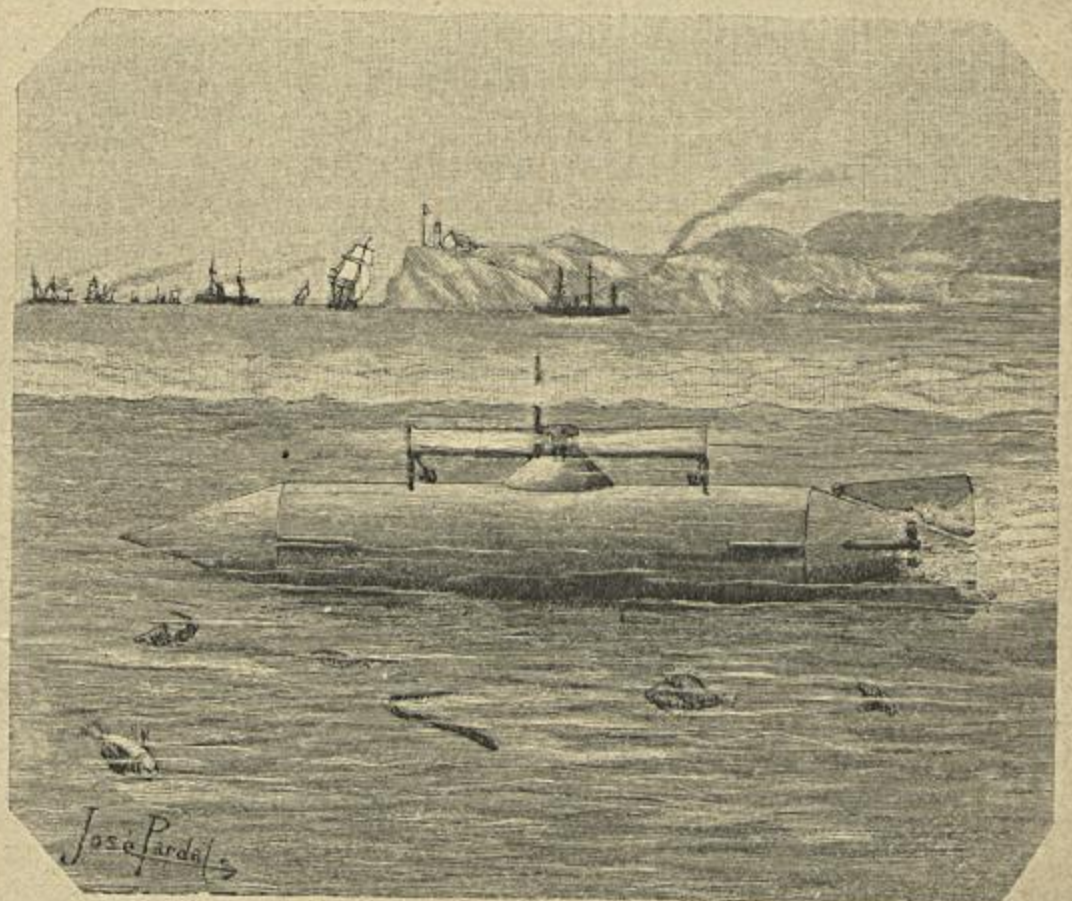
Cabe agora darmos uma descripção da estação definitiva, visto o auctor haver feito algumas alterações ao projecto primitivo e qual o OCCIDENTE já apresentou em gravura no seu n.º 418, (outubro de 1890), gravura que novamente reproduzimos.

*Estação submarina Fontes.*

(Modelo economico).

O casco, todo construido de chapa de aço, pôde dizer-se constituido por um cylindro com quatorze metros de comprimento e tres e meio metros de diametro terminado por duas pyramides conicas com sete metros de eixo, servindo uma de prôa e a outra de pôpa.

Ambas estas pyramides são fechadas na base, deixando o barco dividido em tres compartimen-



ULTIMO PROJECTO — (MODELO ECONOMICO)

(Desenho do sr. José Parda)





